

PESQUISA EDUCACIONAL: QUANTIDADE – QUALIDADE

Heloisa Salles Gentil¹

SANTOS FILHO, José Camilo e GAMBOA, Silvio Sánchez. (Org.). Pesquisa educacional: quantidade - qualidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Este livro, da coleção *Questões de Nossa Época*, vem contribuir com o debate a respeito do suposto conflito entre quantidade e qualidade na pesquisa educacional. O objetivo dos autores é levantar questões que escapem dessa espécie de simplificação apresentada pelo confronto polarizado e apresentar outros aspectos tão ou mais importantes da pesquisa em geral que precisam ser pensados. “A perspectiva aqui apresentada sugere remeter as discussões sobre as técnicas e métodos ao âmbito das teorias das ciências e das epistemologias” (p.11), dizem os autores, e também cuidar de não cair em dualismos e dicotomias. Segundo eles, para isso é possível se reportar à noção de “terceiro excluído” da lógica formal e buscar outras alternativas.

O primeiro capítulo é de autoria de José Camilo dos Santos Filho: *Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático*. O autor busca analisar as dimensões históricas dos dois paradigmas, o quantitativo-realista e o qualitativo-idealista, ciente de que se pautam em duas visões de mundo distintas e que, hoje, predominam na pesquisa educacional. A questão a ser pensada é se há uma incompatibilidade intrínseca ou uma possibilidade de complementaridade entre esses dois paradigmas. Segundo Santos Filho, há ainda um terceiro paradigma, inspirado nos neomarxistas, baseado na perspectiva da dialética materialista e que vem, desde a década de 70, desafiando a hegemonia dos outros dois (p.14).

Nesse texto, o autor discorre sobre a base histórica dos dois paradigmas e sobre as teses que afirmam a incompatibilidade, a complementaridade ou a unidade deles, com o intuito de tornar claras as pressuposições subjacentes a cada metodologia adotada e a necessária coerência teórico-metodológica para o pesquisador.

O *paradigma quantitativo-realista* tem suas bases em Comte, Mill e Durkheim, além de contar com contemporâneos como Wundt, Stanley Hall, Thorndike e Claparède e busca construir uma ciência social

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: logentil@ibest.com.br

reproduzindo os passos das ciências naturais. Algumas idéias básicas dessa corrente de pensamento são apresentadas por Santos Filho de forma sucinta e de maneira a percebermos seu desenvolvimento histórico. O autor apresenta idéias como as de Comte: a defesa da unidade de todas as ciências; a lei dos três estágios, cujo terceiro seria o *positivo*, no qual o conhecimento seria baseado na ciência e no método científico; a hierarquia entre as ciências com base nos critérios de abstração, complexidade e relevância prática, o que justificaria o atraso das ciências sociais em relação às ciências físicas (p.16-17). Destaca idéias que fundamentam a corrente conhecida como positivismo: o objeto com existência independente do observador e de seu interesse, objetos sociais tomados como os da física; a atividade neutra do pesquisador social, que se absteria de seus valores e trabalharia em função de buscar as regularidades das leis sociais. Traz, ainda, ideias como as de Mill, da lei da uniformidade da natureza e da causalção ou como as de Durkheim apresentadas nas regras do método sociológico: tomar os fatos sociais como coisas, despir-se de seus pressupostos e crenças, ser neutro e objetivo como um cientista físico, classificar os fatos pela observação e descobrir suas causas. Nas palavras do autor: “Em síntese, aplicado à sociologia, à psicologia e à educação, o método científico das ciências naturais apresenta três características básicas: primeiro defende o dualismo epistemológico, ou seja, a separação radical entre o sujeito e o objeto do conhecimento; segundo, vê a ciência social como neutra ou livre de valores; e terceiro, considera que o objetivo da ciência social é encontrar regularidades e relações entre os fenômenos sociais” (p.23).

O *paradigma interpretativo-idealista* surge a partir das críticas ao pensamento positivista “que enfatizava em demasia o lado biológico e social do ser humano e esquecia a dimensão de sua liberdade e individualidade” (p.24). Santos Filho cita como representantes dessas idéias Dilthey, Rickert, Weber e Husserl e, posteriormente, os pensadores da escola de Frankfurt. Demonstra que eles trouxeram novas perspectivas quanto ao objeto das ciências humanas afirmando sua conexão com subjetividades, emoções e valores e a impossibilidade do distanciamento entre sujeito e objeto. Conceitos como a experiência vivida e a compreensão interpretativa de Dilthey levaram a uma nova percepção das relações sujeito-objeto nas ciências sociais, diferente daquela das ciências naturais. Assim, a tarefa do pesquisador passou a ser encarada, também, de outra maneira: buscar uma compreensão interpretativa. Rickert contribuiu com a distinção entre a preocupação das ciências sociais e as naturais ao afirmar que as primeiras deviam se centrar em eventos individuais e não em busca de generalizações. Tratou, ainda, dos critérios para a esco-

lha dos eventos para a pesquisa e dos valores que a permeiam. Weber, um terceiro autor a ser considerado nesse grupo, definiu as ações sociais significativas como objetos de estudo das ciências sociais e reafirmou a relação íntima entre o pesquisador e o objeto de sua investigação: “os pesquisadores são ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas próprias pesquisas” (p.31). Weber trabalhou com o método compreensivo aliado à idéia de interpretação da causalidade a partir de um instrumento conceitual denominado tipo ideal.

Várias outras críticas se sucederam em relação ao pensamento positivista: Husserl com sua abordagem fenomenológica, os teóricos críticos de Frankfurt denunciando “o caráter alienado da ciência e técnica positivista, cujo substrato comum é a razão instrumental” (p.35) e o debate sobre os fundamentos epistemológicos do positivismo e da dialética. Posteriormente, Habermas trouxe sua contribuição ao rejeitar a indistinção entre representação e realidade.

Segundo Santos Filho, as críticas ao paradigma positivista levaram à adoção de abordagens alternativas de pesquisa nas ciências humanas. A ênfase nas discussões teria ocorrido depois da publicação de Thomas Khun: “Teoria das revoluções científicas”. O autor desse artigo apresenta então um breve resumo das classificações dos paradigmas propostos por diversos teóricos e as teses organizadas sobre *a incompatibilidade, a compatibilidade e a unidade dos diferentes paradigmas*. Para os interessados em se aprofundar no estudo desse percurso, o texto pode servir como um guia, posto que o autor cita os defensores de cada posição e as explicita.

A tese da diversidade incompatível, defendida por autores que criticam a falta de objetividade e de controle científico das pesquisas qualitativas, é apresentada de forma didática neste artigo por meio da enumeração das diferenças das duas concepções sob vários aspectos: a visão de mundo e as premissas subjacentes, as relações entre pesquisador e objeto, entre fatos e valores, objetivo, abordagem, método de pesquisa e papel do pesquisador e o critério de pesquisa.

A tese que defende a compatibilidade, em síntese, afirma a não exclusividade de um ou outro paradigma e propõe não debater a epistemologia ou ignorar as diferenças paradigmáticas.

A tese que defende a unidade propõe rejeitar a distinção dogmática entre qualidade e quantidade, posto que os dados quantitativos pressupõem os qualitativos. Os pensadores da escola de Frankfurt se esforçaram no sentido de afirmar essa possível conciliação. “A evidência quantitativa, mesmo nas ciências naturais, não pode ser interpretada independentemente das considerações qualitativas extra-observação e extrateoria” (p.51), dessa forma não implicam em contradição

epistemológica. A perspectiva do materialismo dialético pode demonstrar a unidade possível entre os paradigmas, afirma o autor.

Dessa maneira, Santos Filho termina este artigo concluindo que no estágio atual das pesquisas em Ciências Humanas e em educação é defensável a tese da unidade dos paradigmas e que os teóricos dessas áreas precisam familiarizar-se mais com a filosofia das ciências que embasa e fundamenta as diversas teses.

O segundo capítulo deste livro: *Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros "ismos" aos paradigmas científicos*, é o resumo de um artigo de Silvio Sánchez Gamboa já publicado anteriormente; trata dos modismos e das polêmicas em torno de paradigmas da investigação educativa. Sua leitura pode dar várias pistas para pesquisadores incomodados com essa questão e traz a indicação de inúmeros outros autores que podem ser consultados e que vêm se dedicando a essa discussão.

Segundo ele, centrar a discussão em polarizações como quantitativo e qualitativo é seguir o caminho de falsos problemas; o avanço da discussão está em se seguir o rumo das questões epistemológicas. Como outros autores desta área, Gamboa vem reafirmar, em seu artigo, a intrínseca relação entre técnicas, métodos e epistemologias; as opções por técnicas estão diretamente vinculadas à escolha do caminho a ser percorrido e os procedimentos a serem adotados durante a investigação, ou seja, à metodologia. Esta, por sua vez, se pauta em concepções de mundo, de homem, de realidade, de conhecimento. Clareza com relação a esse aspecto fundamental da pesquisa pode evitar que se caia no tecnicismo, alerta o autor.

Vários são os autores citados por Gamboa (TORRES, GOERGEN, DEMO, BURNS etc.) que apresentam tipificações em forma de paradigmas ou modelos (sinteticamente enunciados pelo autor) que explicitem essa ou aquela relação entre os elementos apontados acima e, segundo o relato de experiências do próprio autor, apresentado em seguida, a escolha entre eles é opção do pesquisador e deve ser bem justificada.

Em um de seus trabalhos de pesquisa, Gamboa analisou produções teóricas da pesquisa educacional buscando observar as tendências epistemológicas. Uma análise epistemológica questiona "os fundamentos das ciências, os processos de produção do conhecimento e os parâmetros de confiabilidade e veracidade da pesquisa científica" (p.68). Sua análise foi feita a partir de um esquema conceitual denominado de "esquema paradigmático": "uma proposta instrumental para o estudo das articulações entre os elementos constitutivos da pesquisa (técnicas, métodos, teorias, modelos científicos e pressupostos filosóficos)" (p.69). Esse "instrumento" tem por fundamento uma concepção definida de paradigma

e a noção de totalidade concreta - quadro geral que organiza dados e lhes dá sentido (p.70).

Assim, a totalidade concreta traz em si diversos elementos articulados que podem ser elucidados na pesquisa mediante o “esquema paradigmático”. Segundo o autor os níveis de articulação podem ser os seguintes: técnico-instrumentais, metodológicos, teóricos e epistemológicos. E, com base neles, pode-se procurar os pressupostos gnosiológicos e ontológicos. Tal esquema elucidada as articulações, mas pressupõe uma prévia classificação em relação às opções metodológicas e paradigmáticas. Além disso, ressalta o autor, é preciso analisar as condições históricas da produção da própria pesquisa, sem a qual as análises epistemológicas ficariam incompletas.

Em seguida, Gamboa passa a exemplificar com duas pesquisas realizadas por ele sobre os trabalhos de pós-graduação em educação na UnB (Universidade de Brasília) e na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e apresenta os resultados obtidos através do uso do esquema paradigmático, já apresentado. Interessante nos resultados é a conclusão de que alguns métodos aparentemente distintos têm pressupostos epistemológicos e filosóficos comuns e outros, como os paradigmas positivistas, estruturalistas e dialéticos, são muito diferenciados. Outra constatação que nos parece interessante é a das tendências teóricas possíveis de serem observadas em relação a determinados períodos, relacionados por sua vez a condições históricas e de desenvolvimentos da pesquisa na área.

Sejam quais forem as tendências encontradas, sua pesquisa reforça a idéia da não neutralidade do método e a necessidade de se estar atento aos pressupostos para se compreender a pesquisa educativa hoje.

Para encerrar o texto, Gamboa apresenta como conclusões:

- O aumento da discussão e do interesse pela especificação das diferenças entre paradigmas e a diversidade de abordagens metodológicas por parte dos pesquisadores.
- A compreensão de que os paradigmas são lógicas reconstituídas e por isso têm pressupostos e implicações que precisam ser levados em conta. (A forma de trabalhar com isso, proposta pelo autor, é o esquema paradigmático.)
- O estudo dos diversos paradigmas científicos possibilita ao investigador conhecer e optar entre eles, consciente de suas possibilidades, limites e implicações.
- Estudos epistemológicos não podem ser apenas mais uma disciplina, pois, mais que isso, é necessário exercitar a vigilância epistemológica (conceito de Bachelard).

Dessa forma o autor encerra o artigo esperando ter contribuído para a discussão atual sobre investigação.

O terceiro capítulo *Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e uma dicotomia epistemológica* é também de autoria de Silvio S. Gamboa e trata especificamente da discussão, ainda em voga nos dias atuais, sobre o quantitativo e o qualitativo. Nele o autor reafirma os conceitos já enunciados no artigo anterior: “A técnica é a expressão prático-instrumental do método, sendo este, por sua vez, uma teoria científica em ação. As teorias são maneiras diversas de ordenar o real, de articular os diversos aspectos de um processo global e de explicitar uma visão de conjunto” (p.88). Ou seja, afirma que a opção por determinadas técnicas por parte do pesquisador é oriunda de determinado enfoque epistemológico; diferentes enfoques implicam no uso de diferentes técnicas.

Cabe ressaltar que o autor trata de enfoques epistemológicos como lógicas reconstituídas. Segundo ele o debate corre o risco de sair do dualismo técnico para a dicotomia epistemológica, o que não levaria à superação dos problemas de investigação. Têm-se dividido os enfoques em empírico-analítico (positivismo lógico) e etnográfico e fenomenológico, cada um deles com suas características distintas e seus pressupostos definidos, que o autor enumera para o leitor durante todo o artigo, de forma a explicitar as diferenças. (Vale a pena ler com atenção e estudar com cuidado as diferenças apontadas, são a chave para a compreensão do problema em foco e o autor consegue trazê-las de modo claro e sintético neste artigo). Em síntese, Gamboa afirma: “[...] as principais diferenças encontram-se nos pressupostos gnoseológicos e epistemológicos, referentes à concepção de objeto, de sujeito e às maneiras ou caminhos da relação cognitiva” (p.93-94).

Mas reduzir as alternativas da pesquisa a duas abordagens epistemológicas traz alguns riscos: pode-se acabar por situar tendências diferentes de ciência num mesmo campo ou excluir as terceiras opções. É nesse ponto do artigo que Gamboa utiliza a idéia da lógica de “terceiro excluído” (entre dois enfoques cada um se considera o mais válido e o mais verdadeiro e supõe que o outro, por oposição, seja falso, não havendo chances para uma outra opção) a que pode levar esta dicotomia epistemológica, parecendo dispensar a possibilidade de outras abordagens como, por exemplo, o materialismo histórico (p.97). Isto se configura como um outro problema.

Na tentativa de superação dos falsos dualismos, os pesquisadores têm apresentado três reações. Uma postura radical, contra qualquer conciliação entre o quantitativo e qualitativo com base na idéia de que “a

validade da pesquisa não depende das técnicas, mas da construção lógica empregada” (p. 98). Uma proposição de se trabalhar conforme a conveniência, com “formas quantitativas e qualitativas como um modo de completar e ampliar informações com base em pontos de vista diferentes” (p. 99). E uma posição em busca da síntese que supere falsos dualismos e dicotomias epistemológicas, pautada na possibilidade de articulação entre os diferentes elementos de acordo com a construção lógica elaborada pelo pesquisador “nas condições materiais, sociais e históricas que propiciam ou permitem o trabalho de pesquisa. [...] a pesquisa é resultado dessas condições considerando-se, portanto, um produto social histórico” (p.100). Esta não é uma opção radical, mas uma definição das intensidades de um *continuum*.

Assim, o materialismo histórico é visto pelo autor como uma síntese possível que supera as contradições pelas próprias características da dialética: o caráter relacional do processo de produção do conhecimento, o fato de se considerar sujeito e objeto como dois pólos de uma totalidade, o uso do conceito marxista de totalidade concreta que se refere “às condições materiais históricas que mediatizam e modificam a realidade” (p.104), a compreensão de que o sujeito constrói o objeto com o instrumental de que dispõe e essa construção do objeto gera também transformações no sujeito, um processo de inter-relação que gera conhecimentos, onde se destaca a relação e se toma a ciência como produto social e histórico.

Conclui o autor que há duas maneiras possíveis de se compreender a síntese, uma que busca a conciliação entre o qualitativo e quantitativo, busca um equilíbrio entre as polarizações e outra, na qual se admite a contradição em diferentes níveis do processo e se busca a superação deles.

O autor encerra o artigo afirmando que as propostas de síntese não são as únicas saídas, e que, a experiência e a reflexão constante é que contribuem para a riqueza desse debate.

Recebido em: 20/10/2010

Aprovado em: 18/02/2011